

**O chazinho da vovó vale ouro,
mas não tem dinheiro no mundo que pague...**



Centro Universitário do Estado do Pará - CESUPA

Av. Governador José Malcher n.º 1963

CEP 66060-230 Belém - Pará - Brasil

Fone/fax: (91) 4009-9146

E-mail: cesupa@cesupa.br

Reitor

João Paulo do Valle Mendes

Vice-Reitor

Sérgio Fiuza de Melo Mendes

Pró-Reitor Acadêmico

João Paulo Mendes Filho

Pró-Reitora Administrativa

Lílian Mendes Acatauassú Nunes

Agradecimentos

Benedito Moreira dos Santos

Maria de Fátima Pinto Moreira

Patrícia Pinto Moreira

João Guilherme Xavier Lopes

Carlos Mário Guedes de Guedes

Celeste Emerick

Sandro Simões

Carla Belas

Equipe do NUPI

CESUPA

José Arnaldo de Oliveira

Daniel Munduruku

Paulinho Pankararu

Cristina Azevedo

Fotos: Eliane Moreira

SEBRAE/PA

Rua Municipalidade nº 1461 – Bairro Umarizal

CEP: 66050-350

Belém – Pará

Fone: (91) 3181-9000

Fax: (91) 3181-9088

<http://www.pa.sebrae.com.br>

<http://www.biblioteca.sebrae.com.br>

**Presidente do Conselho
Deliberativo do SEBRAE/PA**

Fernando Teruó Yamada

Diretoria Executiva do Sebrae/PA

Diretora Superintendente

Maria Osleyc Rocha Garcia

Diretor Técnico

Valdemar Massao Ohashi

Diretor Administrativo-Financeiro

Augusto Jorge Joy Neves Colares

Unidade Belém - GR III

Centro de Documentação e Informação – CDI

Unidade de Comunicação e Marketing – UCOM



CARTILHA SOBRE CONHECIMENTOS TRADICIONAIS ASSOCIADOS

Centro Universitário do Estado do Pará,
Núcleo de Propriedade Intelectual.

Eliane Moreira
Bruno Miléo

Belém / PA
2005





CONHECIMENTOS TRADICIONAIS ASSOCIADOS

Os chamados conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade são resultados de anos, décadas e até séculos de convivência de uma comunidade com o meio ambiente, por meio do uso sustentável de seus recursos, garantindo sua conservação para as gerações futuras e protegendo florestas, animais e tudo o mais que compõe a natureza.

Tais conhecimentos em nada ficam a dever aos conhecimentos científicos, que, por sua vez, se utilizam deles, conseguindo poupar, consideravelmente, tempo de pesquisa e dinheiro.

Esse conhecimento faz parte da cultura do povo brasileiro e é protegido pela Constituição Federal.

Nesta cartilha, pretende-se apresentar alguns dos direitos das chamadas comunidades tradicionais formadas por populações ribeirinhas, quilombolas, quebradeiras de coco babaçu, dentre outros, e pelos povos indígenas.

O chazinho da vovó vale ouro, mas não tem dinheiro no mundo que pague...¹

Na Comunidade de Pescadores Floresta Viva, o líder da comunidade, que é o Seu Raimundo, conversa com a Dona Zefa, que é a Merendeira da Escola.



DONA ZEFA: - Seu Raimundo, passaram um rádio, agora, lá da cidade. Está vindo um pessoal passar um tempo aqui na nossa comunidade. Eles disseram que vêm ver umas plantas, umas árvores para o estudo deles.

SEU RAIMUNDO: - Que bom, Dona Zefa! Esse pessoal, quando vem, deve sempre ser bem-recebido, porque estão procurando coisas boas para melhorar a vida de todo mundo. Com esses estudos eles fazem remédios e inventam um monte de coisas!

DONA ZEFA: - Pois é, Seu Raimundo! Também acho, mas fiquei meio preocupada porque vi

ontem, na televisão, uma notícia de que muitas vezes esse pessoal chega nas comunidades, pega planta, bicho e bichinhos ainda menores, que de tão gitos² a gente nem enxerga, conversa um bocadinho com a gente, e disso tudo eles fazem esses tais remédios e não dão nada nem pra nós, nem pro Brasil. Parece que chamam de biopirataria isso...
SEU RAIMUNDO: - Xiii, comadre! Já ouvi falar nisso, sim! Mas o que a gente faz? A gente sabe que esse pessoal tem que pesquisar e, também, quando eles vêm, sempre pagam para ficar de hóspedes e, às vezes, é até bom pra gente...

DONA ZEFA: - Olha... Não sei não... Acho melhor a gente falar com alguém que possa nos ajudar. Vamos amanhã à Secretaria de Meio Ambiente, lá na cidade?

SEU RAIMUNDO: - Tudo bem! A gente pode falar com o Seu Manoel, que é funcionário de lá...



¹ Esta cartilha foi elaborada com base na Medida Provisória n.º 2.186-16/01 e Resoluções do CGen n.º 5 e 6.

² Gito quer dizer pequeno na linguagem do paraense.



Dia seguinte:

SEU MANOEL: - Bom dia, Seu Raimundo e Dona Zefa. O que fazem por aqui?

SEU RAIMUNDO: - Bom dia! Está vindo um pessoal fazer pesquisa na nossa comunidade, e a gente queria que nos orientasse. A gente queria saber como é essa história de biopirataria. A Dona Zefa disse que viu isso no jornal.

SEU MANOEL: - Que bom terem vindo pedir informações sobre isso! Quem dera todas as comunidades fizessem a mesma coisa! De fato, essa história de biopirataria é um problema mesmo: as pessoas chegam à nossa floresta, tiram nossa biodiversidade e o nosso conhecimento e não dão nada em troca nem para as comunidades, nem para o nosso País, desrespeitando nossas leis.

SEU RAIMUNDO: - Como assim?

SEU MANOEL: - Vou explicar direitinho, e, depois, o senhor reúne a comunidade e repassa as informações para que vocês decidam o que deve ser feito, certo? Pois só vocês têm de decidir o que é melhor pra vocês. Esse é um direito que é chamado de autodeterminação.



DONA ZEFA: - Então, vamos lá! Comece explicando o que é essa tal de biodiversidade.

SEU MANOEL: - Dona Zefa, isso é o que vocês mais conhecem. Só que colocam esse nome complicado. São as plantas, os bichos, as sementes, os mosquitos... “Bio” quer dizer vida. É a diversidade da vida.

SEU RAIMUNDO: - E por que eles vêm pra nossa comunidade atrás disso?

SEU MANOEL: - Porque, em lugares como o que vocês vivem existe muita biodiversidade, porque vocês preservam a natureza. E eles podem fazer coisas que podem melhorar a vida das pessoas, mas que também podem dar muito lucro para eles.

SEU RAIMUNDO: - Mas mato é o que não falta por aí... Por que eles vêm justamente para a nossa comunidade? Eles não podiam se embrenhar no meio do mato e tirar as plantas que precisam?

SEU MANOEL: - Seu Raimundo, o Senhor já reparou que, quando eles chegam à comunidade, eles perguntam como se usa essa planta? Para que ela serve? Onde se encontra mais dela?



SEU RAIMUNDO: - Sim, a gente, às vezes, vai até pro mato com eles pra ajudar.

SEU MANOEL: - Então, além da tal biodiversidade, tem outra coisa muito valiosa que eles chamam de conhecimento tradicional associado, ou seja, toda a sabedoria que vocês têm sobre plantas, bichos, mosquitos e tudo mais. Isto economiza muito dinheiro e muito tempo de pesquisa.

DONA ZEFA: - Puxa, Raimundo! Tá vendo? A gente tá ajudando os doutores e não sabe...

SEU MANOEL: - Mais do que isso! Vocês têm direitos!

DONA ZEFA: - Como assim?

SEU MANOEL – Sim, comunidades como a de vocês têm direitos que podem ser só pelo forneci-



mento da planta ou, também, do saber o que fazer com ela.

SEU RAIMUNDO: - E que direitos são esses?

SEU MANOEL: - Bem... Pra começar, eles só podem entrar na área da comunidade e fazer pesquisa se vocês deixarem, e isso é feito por meio de um processo chamado de anuência. E, Seu Raimundo, é importante que vocês entendam que essas perguntas que eles tanto fazem pra vocês sobre onde encontrar tal coisa e pra que que ela serve já são uma etapa da pesquisa...

SEU RAIMUNDO: - Anuência? Eita! Esse pessoal não sabe falar direito! É um monte de palavra difícil...

SEU MANOEL: - Pois é, Seu Raimundo! Poderia ser mais simples mesmo... Essa anuência é a concordância da comunidade para que a pesquisa seja feita. Para isso é importante que o líder comunitário reúna todo mundo e, juntos, decidam se permitem, ou não, que os Pesquisadores realizem a pesquisa; se querem, ou não, colaborar com eles. Feito isso,



comuniqueм ao grupo de Pesquisadores se a comunidade está interessada em ajudar, ou não.

SEU RAIMUNDO: -

Mas... e depois?

SEU MANOEL: - Bom, se eles estão

pesquisando uma coisa que pode depois ser vendida, eles têm que fazer um contrato com vocês para repartir tudo que vai vir de bom dessa pesquisa, ou seja, repartição de benefícios, que nada mais é do que um retorno, para a comunidade, dos resultados da pesquisa que ela ajudou a realizar. A forma como a comunidade será recompensada deve ser decidida entre a própria comunidade e com os pesquisadores.

DONA ZEFA: - Mas isso é muito bom! A gente pode ajudar os doutores um pouco e ainda trazer melhoras para a nossa vida! Uma escola nova, um barco, um motor novo, sei lá...

DONA ZEFA: - ... E, quando um pesquisador só quer fazer uma pesquisa que não vai render nem um lucro, o que nós podemos fazer?

SEU MANOEL: - Olha, Dona Zefa, é difícil pesquisa hoje que não vai dar lucro, mas, mesmo assim, isto é possível. Neste caso, também é preciso conversar bastante e saber se é do interesse da comunidade que a pesquisa seja feita e no que pode ajudar a vida de vocês. Sabe, tem um pessoal em São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, que fez uma reunião e decidiu que nas terras deles só pode fazer pesquisa se o assunto for do interesse deles. Nestes casos, as conversas com os pesquisadores devem ser mais no sentido de combinar que eles devem repassar o resultado da pesquisa para a Comunidade. Por exemplo, explicar por que uma planta está mais rara na região.

SEU RAIMUNDO: - Vamos lá, Zefa? Esse pessoal deve estar vindo com boa intenção. Vamos conversar com eles de peito aberto.

DONA ZEFA: - É verdade! Obrigada, Seu Manoel!

SEU MANOEL: - Mas olhem, tudo isso tem que passar pelo CGen!

DONA ZEFA: - Como é que é? "C quem"?

SEU RAIMUNDO: - Vixe! Quando eu acho que tá tudo resolvido...

SEU MANOEL: - Calma, gente! CGen é o órgão que toma conta disso no Ministério do Meio Ambiente, lá em Brasília.

SEU RAIMUNDO: - Mas é longe demais...

SEU MANOEL: - É verdade, mas não se preocupem, que é responsabilidade de quem faz a pesquisa se entender com eles... Mas vocês devem cobrar isso deles!

SEU RAIMUNDO e DONA ZEFA: - Certo!



Dia seguinte: REUNIÃO DA COMUNIDADE

SEU RAIMUNDO: - Pessoal, é o seguinte: vocês estão sabendo que tem um grupo de Pesquisadores chegando na nossa comunidade. Então, temos que tomar cuidado com a biopirataria, senão eles levam nossa biodiversidade e nossos conhecimentos tradicionais associados e fazem o que vier na cachola, sem anuência nem repartição de benefícios...

DONA MARIA: - Égua³, SEU RAIMUNDO! O que o Senhor tá dizendo? Fala português, homem!



DONA ZEFA: - O que o Seu Raimundo está querendo dizer é que os pesquisadores que vêm ficar hospedados na nossa comunidade vêm fazer pesquisa aqui porque nossa comunidade preserva a vida das plantas e dos animais e, por morarmos aqui muito tempo, sabemos muita coisa sobre a natureza que os doutores não aprendem na faculdade. Então, eles aparecem por aqui, perguntam muito, pegam amostras e fabricam alguma coisa importante, e, depois, a nossa comunidade, que ajudou eles a fazerem essas coisas, não recebe nada em troca.

SEU JOSÉ: - Puxa! Então vamos mandar eles voltarem assim que meterem a cara aqui!

SEU RAIMUNDO: - Não, Compadre José! Se a gente não concordar com a pesquisa deles ou se eles desrespeitarem as nossas regras com essa pesquisa, a gente até pode não deixar eles fazerem a tal pesquisa aqui, mas o trabalho deles é importante e pode ajudar muito a nossa comunidade...

DONA ZEFA: - O que a gente precisa é fazer tudo bonitinho, nos conformes! Os pesquisadores só serão autorizados a realizar a pesquisa pelo CGEN se eles levarem a nossa anuência, dizendo que concordamos, e se seguirem a lei. Tem mais: se a

pesquisa der um resultado que vai dar dinheiro, a gente tem direito à repartição de benefícios...

DONA MÔNICA: - Mas o que é essa tal repartição de benefícios que vocês tanto falam?

DONA ZEFA - Se os pesquisadores vão se beneficiar com a pesquisa deles, fazendo produtos que vão dar lucro, usando o que nós falamos para eles, devem dividir com a gente um pouco do que eles conseguirem com a pesquisa.

DONA MARIA: - Nós poderíamos pedir que eles fizessem um poço artesiano, com bomba e tudo!

SEU JOAQUIM: - Dizem que eles trabalham para uma empresa grande de remédios. Então, se eles criarem um remédio com o que ensinamos pra eles, acho que deveríamos pedir uma parte do que eles ganharem com as vendas ou então uma parte da produção para as pessoas daqui da comunidade.

DONA MÔNICA: - Sabe o que eu acho? Eles poderiam dar aulas aqui na comunidade! Muita gente aqui não sabe ler... E, quem sabe, eles não fazem algum curso que nos ensine a fazer algo para ganhar dinheiro?

DONA ZEFA: - Peraí, pessoal. Tem que pensar muito bem antes de dizer o que queremos, para não darmos o nosso conhecimento a preço de banana. Por isso, é importante compreender tudo direitinho na fase de anuência. Agora, assim que eles chegarem vamos logo marcar uma reunião!



³ "Égua" é uma forma de demonstrar espanto no Pará, é a mesma coisa que "Eita!".

2 dias depois: REUNIÃO COM OS PESQUISADORES

DONA ZEFA: - Olá! Sejam bem-vindos!

SEU RAIMUNDO: - Mas o que vocês pretendem pesquisar por aqui?

PESQUISADOR: - Seu Raimundo, como o Senhor deve estar sabendo, nós somos de uma empresa que produz medicamentos. Nós estamos aqui porque, na última vez que viemos, ficamos sabendo que vocês usavam a *mira flor** para fazer um chá que cura dor de

barriga. Nós pretendemos ver se essa planta pode virar um remédio e curar algumas doenças...

DONA MÔNICA: - Sim, a gente usa isso faz é tempo. A mãe da minha avó já dava pra ela! Quem diria que o nosso chazinho ia ser procurado um dia... e virar coisa de doutor!

PESQUISADOR: - Pois é, Dona Mônica! O trabalho de vocês ajuda muito a ciência!

Vocês concordam em ajudar nossa pesquisa?

DONA ZEFA: - Estamos interessados. O Senhor vai pedir autorização para o CGEN, né? Antes de pegar a planta ou nos perguntar sobre o uso dela, certo? Além

disso, é muito importante que o Senhor faça todo o processo de anuência pra gente entender tudo bem direitinho.

PESQUISADOR: - Sim, claro! Agora só precisamos saber do que a comunidade de vocês possa estar precisando...

SEU RAIMUNDO: - Olha, doutor, a gente precisa de um bocado de coisas, mas certeza, certeza mesmo, do que a gente quer, só depois da

anuência. É nela que vamos definir os benefícios justos...

DONA MÔNICA: - De toda forma, a gente não quer perder o direito de usar o nosso chá. Ele tem servido muito para nós. Não queremos vender a nossa planta e o nosso conhecimento; queremos apenas permitir que mais gente se beneficie deles...

DONA ZEFA: - É, o chazinho da vovó

pode até valer ouro, mas não tem dinheiro no mundo que pague...

PESQUISADOR: - Acho justo, de acordo.



* inventamos este nome



Anuência

É um processo no qual a comunidade vai ter o esclarecimento dos seus direitos, dos prejuízos que pode ter e dos benefícios que quer. Ela vai constar de um documento que determina a concordância da comunidade com a realização da pesquisa. Atenção! A anuência não é um mero documento; é um processo em que a comunidade vai ser esclarecida sobre tudo, inclusive o direito de dizer *não*.

Autodeterminação

Direito das comunidades de decidirem sobre o que é melhor para elas, inclusive sobre o uso dos seus conhecimentos tradicionais.

Biodiversidade

Diversidade da vida, como animais, vegetais e coisas que só se vêem no microscópio, como fungos e microorganismos.

Biopirataria

Uso dos recursos da biodiversidade ou dos conhecimentos tradicionais associados sem anuência da comunidade e sem obedecer à lei. Muitas vezes, com envio das informações para outros países.

Conhecimento tradicional associado

São os conhecimentos de uma comunidade sobre o meio ambiente que a envolve, úteis para a preservação dos recursos da biodiversidade e para pesquisas sobre novos produtos.

CGen

É o Conselho de Gestão do Patrimônio Genético, órgão que autoriza as pesquisas que precisam utilizar conhecimentos tradicionais associados ou recursos genéticos da biodiversidade.

Repartição de benefícios

É um retorno, para as comunidades, dos resultados da pesquisa, que pode ser dinheiro ou melhorias para a vida comunitária, tais como cursos de capacitação, obras ou serviços para a comunidade, dentre outros. As pesquisas que têm potencial de uso econômico são obrigadas por lei a combinarem e efetivarem a repartição de benefícios. As pesquisas que não têm este potencial, que não estão buscando desenvolver um perfume, sabonete, vela, remédio, não são obrigadas por lei, mas é um direito da comunidade solicitar esta repartição para dar sua anuência.



Se Ligue!

São Direitos das Comunidades Tradicionais

Ter liberdade para autorizar, ou não, o uso e a divulgação dos seus conhecimentos, além do modo como eles serão utilizados.

Recusar o acesso e uso do seu conhecimento e a realização da pesquisa na comunidade, se não concordarem com ela ou com a forma em que será feita.

Ter respeitados os elementos da sua cultura, de sua forma de organização e de sua representação política.

Ter esclarecimento, em linguagem acessível, sobre a pesquisa que utilizará os seus conhecimentos, desde os objetivos iniciais, metodologias empregadas e os possíveis resultados, até as conseqüências da pesquisa para o meio ambiente, para a sociedade e para a sua cultura. Se houver dificuldades com a leitura, devem ser apresentados por outros meios.

Solicitar assessorias técnica, científica, jurídica, lingüística e quantas mais forem necessárias para que a comunidade entenda a pesquisa e possa concordar com ela conscientemente.

A Repartição de Benefícios, que significa que as comunidades devem ter algum retorno positivo, não só quanto aos lucros, como também com cursos de capacitação e outras melhorias para a comunidade. A comunidade deve discutir com os Pesquisadores sobre isso.

Ter clareza quanto aos direitos e deveres, seus e dos Pesquisadores ou da empresa que pretende usar seu conhecimento.



Sugestões de Uso desta Cartilha:

Pessoal, é muito importante divulgar o conteúdo desta cartilha, para que se evite a biopirataria. Temos algumas sugestões de uso:

Organizar, no seu Centro Comunitário, uma peça de teatro para facilitar a compreensão de todos e apresentá-la nas reuniões ou festas da comunidade;

Organizar na rádio uma “novela” usando este roteiro;

Reunir a criançada e montar uma brincadeira, do tipo jogo da memória, para ver quem entendeu tudinho.

Enfim, é responsabilidade de todo mundo fazer algo contra a biopirataria.



Contatos

Se você quiser maiores esclarecimentos sobre o conteúdo desta cartilha, pode nos procurar:

Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA)
Núcleo de Propriedade Intelectual
Av. Nazaré, 630, bloco D. CEP: 66.035-170. Belém - Pará. Tel.: (91) 4009-2136,
nupi@cesupa.br ou moreiraeliane@cesupa.br.

Procurar o governo...
Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN)
SCEN, Trecho 2, Ed. Sede do IBAMA, Bloco "G". CEP: 70818-900. Brasília - DF.
Tel.: (61) 325-3998. Fax: (61) 325-5764, cgen@mma.gov.br e <http://www.mma.gov.br>

E também as organizações não-governamentais...
Amazonlink.org
Rua Itaparica, 44, Conjunto Village, Bairro Vila Ivonete. CEP: 69.909-710. Rio Branco, Acre.
Tel./fax: (68) 223-8085, michael@amazonlink.org e <http://www.amazonlink.org.br>

Grupo de Trabalho Amazônico (Rede GTA)
Entidades filiadas e coordenações em nove estados da Amazônia
Escritório de apoio:
SAIS, Lote 08, Galpão 01 - Canteiro Central do Metrô. CEP: 70610-000. Brasília - DF
Site eletrônico: www.gta.org.br
Endereço eletrônico: gta nacional@gta.org.br

Instituto Socioambiental
SCLN, 210, Bloco C, sala 112. Brasília - DF
CEP: 70862-530. Tel.: (61) 349-5114
Fax: (61) 274-7608, isadf@socioambiental.org e <http://www.socioambiental.org>



